

EXCLUSIVO

Oferecer artigo 6

CORONAVÍRUS

Menos turismo gerou menos lixo - mas a quebra de 2020 foi em Lisboa inteira

Estudo permite perceber que em toda a zona central da cidade houve uma grande diminuição na produção de lixo no primeiro confinamento. Até Outubro de 2020, ainda não tinham sido recuperados os níveis pré-pandemia.

João Pedro Pincha

19 de Janeiro de 2022, 7:00



A recolha selectiva porta-a-porta esteve suspensa durante uns meses, mas a recolha de ecopontos e de lixo indiferenciado manteve-se NUNO FERREIRA MONTEIRO

Se a maioria das pessoas se confinou em casa quando a covid-19 (<https://www.publico.pt/coronavirus>) chegou a Lisboa, então a produção de lixo aumentou nas zonas residenciais e diminuiu nas zonas turísticas e de escritórios. Certo? Errado. O decréscimo foi mais acentuado nas áreas com menos características habitacionais, mas por toda a cidade se verificou uma menor produção de lixo face ao período pré-pandemia.

Um grupo de investigadores da Nova Information Management School (Nova IMS) compilou os dados da recolha de lixo em Lisboa entre 2017 e 2020, cruzou-os com outras variáveis e construiu um modelo matemático que lhes permitiu analisar o que aconteceu semana a semana e zona a zona antes, durante e depois do primeiro confinamento, entre Março e Maio de 2020. Os resultados estão num estudo

(<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0956053X21006462?via%3Dihub#!>) publicado na edição de Fevereiro da revista científica *Waste Management*.

Os números que a Câmara de Lisboa forneceu à equipa mostravam que até Outubro de 2020 tinham sido recolhidas 183 mil toneladas de lixo indiferenciado, 13 mil de papel, 10 mil de vidro e oito mil de plástico. Eram valores bastante mais baixos do que os verificados nos três anos (completos) anteriores, mas nada diziam sobre o que realmente tinha acontecido à escala dos bairros e de semana para semana.



Recorrendo à localização exacta dos contentores de lixo indiferenciado, explica Pedro Sarmento, primeiro autor do artigo, “criaram-se áreas artificiais de abrangência para cada um dos circuitos”, o que permitiu dividir a cidade em 97 zonas. A cada uma estava associada uma determinada quantidade de lixo produzido, mas os investigadores acrescentaram informação de contexto recolhida em fontes de acesso público: número de camas em hotéis e em alojamentos locais, localização de sítios ou eventos culturais e desportivos, localização de restaurantes, cafés e bares, dados sobre mobilidade e teletrabalho e ainda o número de prédios exclusivamente residenciais, de uso misto ou exclusivamente não residenciais.

Tudo isto ajudou a criar um modelo de séries temporais que estimou qual teria sido a produção de lixo (<https://www.publico.pt/2019/05/05/sociedade/noticia/-1871390>) se não tivesse existido a pandemia. “O que fizemos foi comparar os valores que obtivemos neste modelo com os valores que realmente aconteceram”, diz Pedro Sarmento. “Houve um decréscimo generalizado da produção de lixo em Lisboa, mas o que verificámos foi que o decréscimo foi sempre superior em zonas em que havia mais características de turismo e menos características residenciais.”

Entre Janeiro e Outubro de 2020, na Baixa houve uma quebra superior a 51% face ao que seria expectável. Em toda a zona central, de Santos a Santa Apolónia, incluindo Av. da Liberdade, Almirante Reis e adjacentes, a diferença foi de 21% a 50%. O mesmo se verificou em certas zonas de Belém, do Lumiar e dos Olivais. Em quase toda a restante cidade houve quebras entre os 11% e os 20%.



“Se formos ver a literatura que analisa o que é que aconteceu à produção de lixo relativamente ao impacto da pandemia, quase nenhuma faz este tipo de análise a um nível semanal e a nível do circuito de recolha. Não temos nem esta granularidade espacial nem temporal. Isto é uma grande vantagem deste estudo”, afirma Pedro Sarmento.

Olhando para a cidade como um todo conclui-se que o volume de lixo efectivamente recolhido durante o confinamento foi muito menos do que o previsto pelo modelo, mas a diferença manteve-se alta depois disso. Aliás, o recorde foi atingido na primeira semana de Junho, quando foram recolhidas menos 700 toneladas de resíduos indiferenciados do que o expectável.

Também na recolha selectiva houve fortes quebras face aos valores pré-pandemia (<https://www.publico.pt/2018/10/08/sociedade/noticia/comissao-europeia-poe-em-causa-numeros-da-reciclagem-em-portugal-1846301>). Entre Março e Junho de 2020 nunca se superou a fasquia das 100 toneladas de plástico (eram mais de 200 em Janeiro) e o vidro caiu de 300 toneladas para perto de 200. A queda maior foi do papel, que passou de mais de 400 toneladas em Janeiro para menos de 100 durante o confinamento. Em 2020, a recolha selectiva porta-a-porta esteve suspensa (<https://www.publico.pt/2020/03/20/local/noticia/lisboa-suspende-recolha-selectiva-portaaporta-mantem-recolha-ecopontos-1908713>) entre Março e Junho.

Planear a recolha com dados

Pedro Sarmento, Marcel Motta, Ian J. Scott, Flávio L. Pinheiro e Miguel de Castro Neto, os autores deste estudo, trabalham no projecto com financiamento europeu [Urban Co-Creation Data Lab \(https://urbandatalab.pt/\)](https://urbandatalab.pt/), da Nova IMS, cujo principal objectivo é criar ferramentas que analisem dados para facilitar a gestão das cidades. Em parceria com a Câmara de Lisboa estão a desenvolver projectos em mobilidade, estacionamento, poluição, sistemas de emergência e gestão de lixo. (<https://www.publico.pt/2018/08/26/local/noticia/lixo-em-lisboa-e-porto-1841991>)



“Ao introduzirmos variáveis exógenas que sabemos que podem explicar a produção de lixo, isto pode ser usado como uma ferramenta para antecipar qual irá ser a produção de lixo em determinadas zonas da cidade havendo um evento”, exemplifica Pedro Sarmento. “Desta forma o departamento de Higiene Urbana consegue otimizar o número de fretes que tem de ser feito para a recolha de lixo e isto permite uma redução do desgaste nas suas operações e da pegada carbónica, porque há menos camiões a circular. Também os recursos financeiros e humanos são usados de uma forma mais otimizada.”

Os dados usados para este estudo terminam a 31 de Outubro de 2020. Até essa data houve “um certo recrudescimento” na produção de lixo indiferenciado, mas os níveis pré-pandemia ainda não tinham sido atingidos. Na reciclagem também se registou uma recuperação, embora mais lenta, o que pode querer indicar que o confinamento levou a uma mudança de comportamentos na separação do lixo. É uma hipótese. “Obviamente, seria interessante agora corroborar com dados mais recentes, para ver os efeitos que aconteceram. Durante o ano 2021 as vacinas vieram alterar completamente o grau de restrições, todas estas dinâmicas provavelmente foram alteradas”, arrisca Pedro Sarmento.

SUBSCREVA A NOSSA NEWSLETTER O QUE (ÀS VEZES) LHE ESCAPA

OCASIONALMENTE

Os melhores trabalhos dos últimos dias. Para que nunca lhe escape nada.

Subscrever

Tomei conhecimento que as newsletter editoriais poderão conter publicidade. OBRIGATÓRIO